

# AGRO DE NOGUEIRA, MELIDE, A CORUÑA: NOVOS DADOS E NOVAS PROBLEMÁTICAS

## AGRO DE NOGUEIRA, MELIDE, A CORUÑA: NEW DATA AND NEW PROBLEMATIC

ANA M. S. BETTENCOURT\* & G. MEIJIDE CAMESELLE\*\*

\* Departamento de História da Universidade do Minho (Braga). Centro de Investigação Transdisciplinar: Cultura, Espaço e Memória (CITCEM). E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

\*\* Arqueólogo Territorial de la Consellería de Cultura. Delegación de Lugo E-mail: gonzalo.meijide.cameselle@xunta.es

**Abstract:** Based on a AMS date obtained from the burning remains of the small cist of Agro Nogueira the authors of this paper pose new hypotheses about this archaeological place and about the introduction of the rite of incineration in the Northwest of Iberian Peninsula.

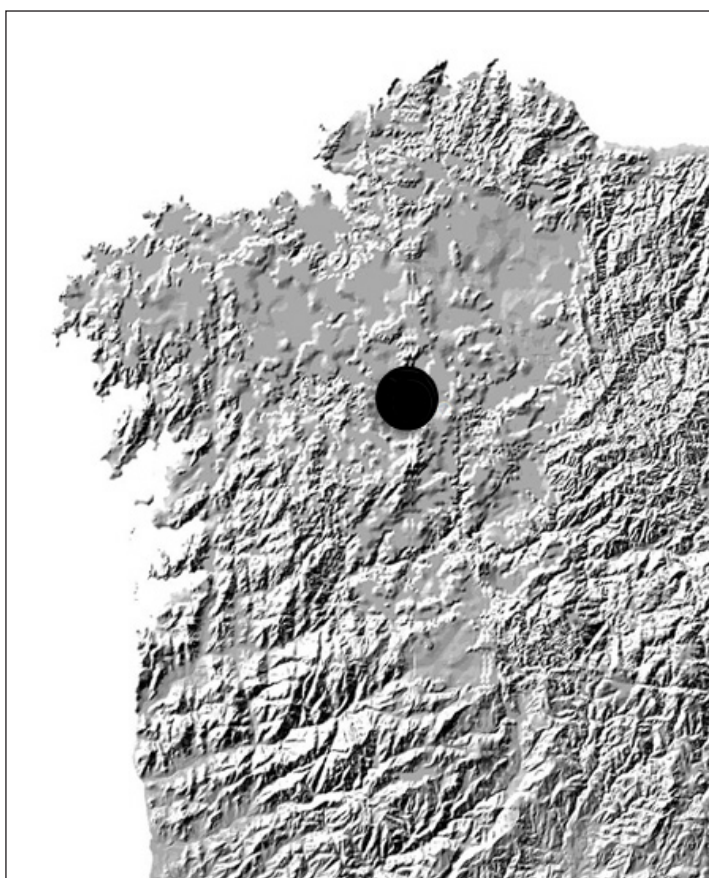
**Resumen:** A propósito de uma data de AMS realizada para os restos de incineração da cista pequena de Agro de Nogueira os autores equacionam novas problemáticas sobre esta estação arqueológica e sobre a introdução do rito de incineração no Noroeste Peninsular.

**Palavras-clave:** Noroeste Peninsular, Agro de Nogueira, Práticas Funerárias, Ritos de Incineração.

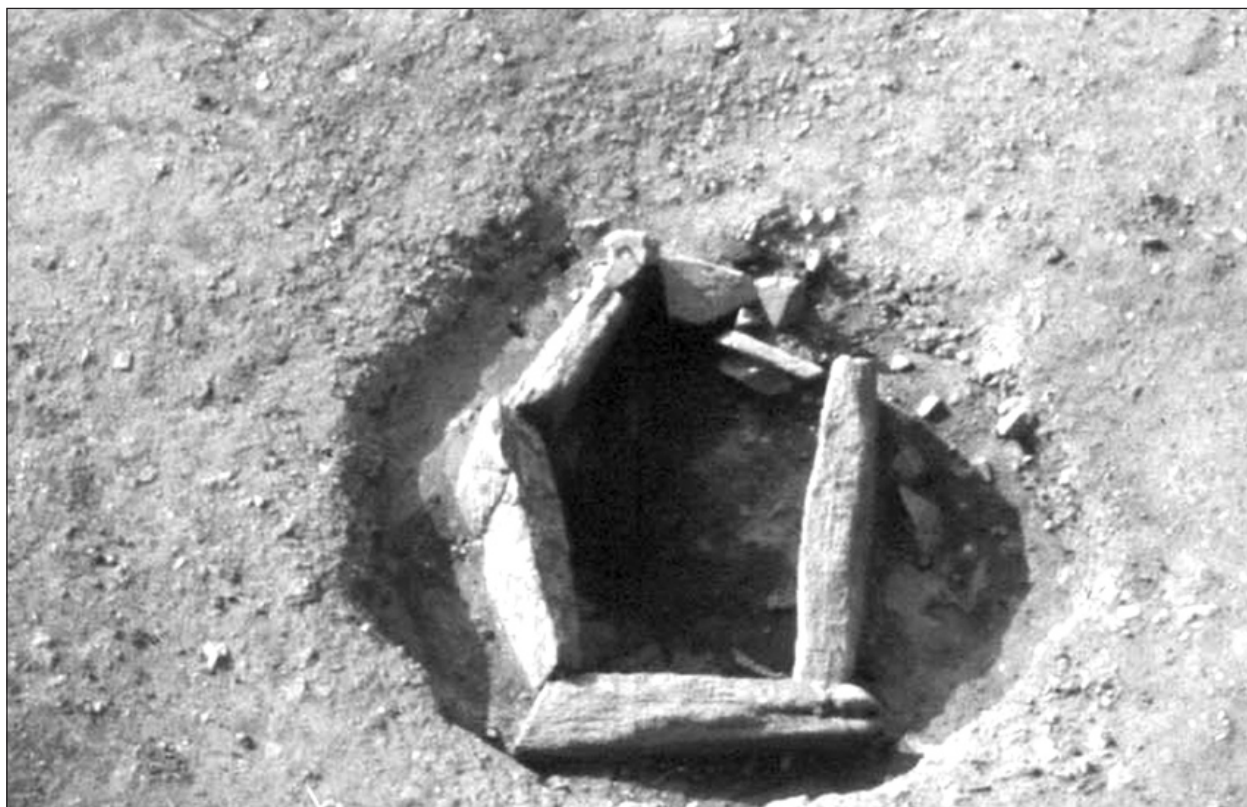
**Key-words:** Northwest of Iberian Peninsula, Agro de Nogueira, Funerary practices, Rites of incineration.

### INTRODUÇÃO

A estação de Agro de Nogueira, localiza-se no concelho de Toques, comarca de Melide, província de A Coruña (Fig. 1). Aqui, na planície aluvial do rio Furelos, foi construída uma cista, parcialmente enterrada numa grande fossa circular, e coberta por nove lajes parcialmente sobrepostas e por um amontoado de pedras. No seu interior jazia um potinho de tipo Taraio (Fig. 2 e 3). Nas imediações desta sepultura, construíram-se toda uma série de estruturas, num total de treze, entre uma pequena estrutura cistóide, contendo restos de incineração (Fig. 4a e 4b), várias sepulturas planas de pouca profundidade, cavadas na alterite, de contorno oval ou irregular e cobertas com concentrações pétreas e uma fossa de contorno circular contendo cinzas, interpretada como uma fogueiras relacionada com ações funerárias ou como restos de uma cremação de adulto (Fig. 5a, 5b e 6) (Meijide Cameselle 1994, 1995 e 1996, Fábregas Valcarce & Meijide Cameselle 2000). Pela análise da planta existem ainda outras depressões de contorno circular que poderiam ser negativos de buracos de poste, talvez para troncos sinalizadores do lugar.



*Fig. 1. Localização de Agro de Nogueira no Noroeste Peninsular.*



*Fig. 2. Cista grande de Agro de Nogueira (Fot. de Meijide Cameselle).*



*Fig. 3. Vaso depositado na cista grande (altura 140mm.). (Fot. de Ana M.S. Bettencourt)*





*Fig. 4a e 4b. Estrutura cistóide com incineração de adulto de Agro de Nogueira (Fot. de Meijide Cameselle).*





*Fig. 5a. Tampa da fossa nº 6 de Agro de Nogueira que continha cinzas (Fot. de Meijide Cameselle).*



*Fig. 5b. Fossa nº 6 após a escavação (Fot. de Meijide Cameselle).*

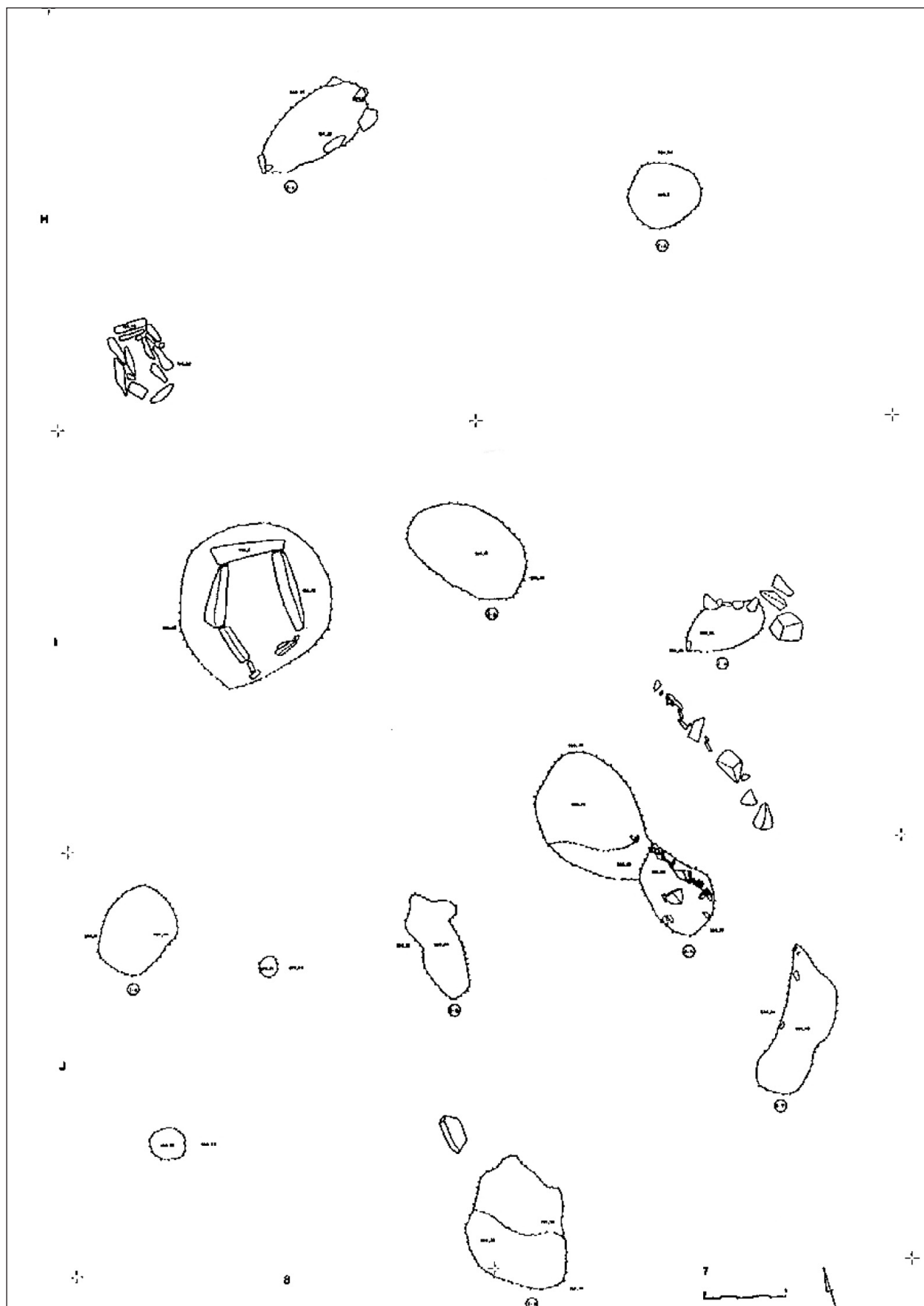


Fig. 6. Planta da necrópole onde se podem verificar vários tipos de estruturas em pedra e abertas no saibro segundo G. Meijide Cameselle (1996).

## DATA RADIOMÉTRICA

Os restos das ossadas cremadas encontradas na cista pequena de Agro de Nogueira foram enviadas para o Laboratório de Radiocarbono “Beta Analytic Inc.”, em Miami, USA, tendo sido analisada pelo método de AMS. Foi-nos entretanto comunicado por Darden Hood, Director deste Laboratório que, dada a inexistência de outra material passível de datar esta estrutura, a amostra tinha sido separada em duas. Após análise da primeira e que é a que possuímos, a data foi testada com a segunda amostra, garantindo assim a “veracidade” dos resultados.

Ref. de Laboratório	Data BP	Cal. 1 sigma	Cal. 2 sigma	Matéria datada
Beta - 231718	3930 ± 40	2480 - 2350	2560-2300	Ossadas humanas

Tendo em conta a data considerada podemos admitir que a cremação e a construção da estrutura cistóide de Agro de Nogueira se realizou no 3º quartel do III milénio AC, mais precisamente entre 2560 e 2300 AC ou seja, nos finais do Calcolítico.

## DISCUSSÃO

Tradicionalmente Agro de Nogueira foi considerada, por um de nós (GMC), como uma necrópole da Idade do Bronze Inicial com base na arquitectura da cista grande e o depósito de um vaso de tipo Taraio que se encontrava no seu interior. De facto, este tipo de recipiente cerâmico aparece frequentemente em contextos de cistas do Bronze Inicial, por vezes em associação com punhais de lingueta, como é o caso da cista de *Taraio*, Malpica, A Coruña (Rodriguez Gras 1974, Vazquez Varela 1980) e da cista de *As Antas*, Rodeiro, Pontevedra (Monteagudo *et alii* 1981). Se tivermos em conta que a cista da Quinta de Água Branca, Vila Nova de Cerveira, Viana do Castelo, contendo um punhal de lingueta, foi datada pelo radiocarbono de entre os finais do séc. XXI e os meados do XVIII AC (Bettencourt, no prelo a) é perfeitamente verosímil aceitar que a cista grande de Agro de Nogueira seja deste período cronológico cultural, a não ser que se admita uma origem mais antiga para esta forma cerâmica o que, até hoje, não está empiricamente comprovado. Assim sendo a estrutura cistóide seria mais antiga, ainda dos finais do Calcolítico ou, quanto muito, da transição para a Idade do Bronze.

Partindo dos pressupostos anteriores é pertinente questionar as hipóteses anteriormente levantadas e ensaiar novas interpretações para Agro de Nogueira que passaremos a enumerar:

- em primeiro lugar, é possível que o sítio tivesse sido ocupado por um longo período de tempo, desde o Calcolítico Final até a um momento incerto da Idade do Bronze;
- em segundo lugar, não seria inverosímil admitir que a algumas das arquitecturas perecíveis pudessem corresponder a cronologias diversas, pelo que, neste caso, Agro de Nogueira dificilmente se poderia considerar uma necrópole. Assim sendo qual teria sido, então, o significado deste local no quadro da Pré-História regional?

Descobertas e estudos recentes têm permitido verificar que este caso não é único no Noroeste Peninsular. Durante a Idade do Bronze há outros sítios consagrados às práticas mortuárias e que se caracterizam por uma diversidade arquitectónica e por distintos ritos funerários e com larga cronologia. Referimo-nos A Devesa de Abaixo, Pontevedra, ocupada desde os inícios, até, pelo menos, os finais da Idade do Bronze ou mesmo inícios da Idade do Ferro, com estruturas de enterramento em fossa, estruturas líticas atípicas, uma cista além de indícios de diversas acções cerimoniais e deposicionais relacionados com o espaço de tumulação (Vázquez Liz 2005, Prieto Martínez *et alii* 2005). Outra estação, já em Portugal, é a de Vale Ferreiro, em Fafe, Braga. Aqui, há, pelo menos, dois túmulos em pedra do Bronze Inicial, uma fossa dupla do Bronze Médio e uma estrutura subterrânea, circundada por postes de madeira, do Bronze Final, a par de sepulturas planas e fossas abertas no saibro, por vezes, tapadas com saibro (Bettencourt *et alii* 2002, 2003, 2005).

Em trabalhos anteriores, um de nós (AMSB) tem colocado a hipótese de que estes locais, onde foram efectuadas apenas algumas deposições de corpos, inumados ou cremados, durante longos períodos de tempo, talvez pudessem interpretar-

se como lugares comemorativos na paisagem da Idade do Bronze, de grande significação social e ideológica, onde se fomentariam acções integrativas e de manutenção da identidade grupal para os membros das comunidades que viveriam nas imediações (Bettencourt 2008, no prelo a). Ou seja, seriam lugares de memória com o qual as comunidades teriam desenvolvido a “*sense of place*” (Feld & Basso 1996 in Van Dyke & Alcock 2003) através da criação de laços históricos e emocionais e de histórias que lhes foram adscritos.

Claro que a confirmação desta hipótese passa, naturalmente por novas pesquisas e estudos neste e nos vários locais referidos.

Outro aspecto que é possível abordar é o da antiguidade da prática da cremação no Noroeste, aqui documentada desde o Calcolítico Final, o que começa a fazer sentido se tivermos em conta o número de indícios cada vez maior da continuação destes ritos durante os inícios da Idade do Bronze do Noroeste, a par das inumações, como se poderá deduzir de, pelo menos, uma cremação em fossa na Fraga do Zorro<sup>1</sup> e, provavelmente, na fossa de Cameixa (Prieto Martínez *et alii* no prelo a, no prelo b) e na pequena cista da Praia da Rola (Bettencourt, no prelo b). Tal alteração no tratamento do corpo revela mudanças de ordem ideológica e cosmológica entre as populações calcolíticas e as suas antecessoras do Neolítico, o que deverá interligar-se com a perda de monumentalidade da arquitectura funerária, durante o Calcolítico, aim com outras alterações relativas ao aparecimento de novos referentes arquitectónicos na paisagem, como os recintos de pedra ou de forcos, por exemplo, recentemente descobertos no NW peninsular.

## BIBLIOGRAFÍA

- BETTENCOURT, A. M. S., F. S. LEMOS & T. ARAÚJO (2002). The young man of Vale Ferreiro Fafe (northern Portugal): an early Prehistorical burial, *Journal of Iberian Archaeology*, 4, Porto, pp. 131 – 151.
- BETTENCOURT, A. M. S., F. S. LEMOS & T. ARAÚJO (2003). O complexo arqueológico de Vale Ferreiro, Serafão, Fafe (Norte de Portugal), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 43 (1-2), Porto, pp. 113 – 132.
- BETTENCOURT, A. M. S., A. RODRIGUES, I. S. SILVA, C. S. CRUZ & A. DINIS (2005). The ceremonial site of Vale Ferreiro, Fafe, in the context of the Bronze Age in Northwest Portugal, *Journal of Iberian Archaeology*, 7, Porto, pp. 157 – 175.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2008). Life and death in the Bronze Age of the NW Iberian Peninsula, in Fredrik Fahlander & Terje Oestigaard (eds.) *The materiality of death – bodies, burials and beliefs*, BAR International Series, Ed. Archeopress, Oxford, pp. 99 - 104.
- BETTENCOURT A. M. S. (no prelo a). Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular, in Javier Sanchez Palencia, Anthony Gilman & Primitiva Bueno (eds.) *Livro de Homenaje a Maria Dolores Fernández-Posse y de Arnáiz*, *Bibliotheca Praehistorica Hispana (BPH)*, Ed. CSIC, Madrid.
- BETTENCOURT, A. M. S. (no prelo b). Práticas Funerárias da Idade do Bronze de Trás-os-Montes e da Galiza oriental, *Actas do Congresso Transfronteiriço de Arqueologia: um Património sem Fronteiras*, Câmara Municipal de Montalegre e Ecomuseu de Barroso, Montalegre, Outubro de 2008.
- BETTENCOURT, A. M. S. (no prelo c). Os primeiros construtores da paisagem minhota: do Neolítico à Idade do Bronze, in Paulo Pereira (coord.) *Minho. Traços de Identidade*, Ed. Conselho Cultural da Universidade do Minho, Braga.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. & G. MEIJIDE CAMESELLE (2000). Prehistoria recente en Galicia. Evolución ou ruptura?. *Pré-História Recente da Península Ibérica*, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. 4, pp.65 – 77.
- MEIJIDE CAMESELLE, G. (1994). El concepto de las relaciones atlánticas en la edad del bronce del noroeste, in L. Castro Pérez *et al* (cord.), *Edad del Bronce. Actas del Curso de Verano de la Universidad de Vigo. Xinzo de Limia, 6/8 Julio 1993*. Xinzo de Limia. pp. 197-231.

---

1 Neste contexto a cremação indicia-se pelas dimensões das ossadas e pelas características dos sedimentos.



- MEIJIDE CAMESELLE, G. (1995). La necrópole del bronce inicial del Agro de Nogueira (Toques, A Coruña). *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología. Vigo 2003*, Vigo, vol 2, pp.85-88.
- MEIJIDE CAMESELLE, G. (1996). La necrópolis del Bronce inicial del Agro de Nogueira (Piñeiro, Toques, A Coruña) en el contexto funerario de su época, *Homenaje a C. Alonso del Real*, Universidade de Santiago de Compostela, vol. 1, pp. 215 – 239.
- MONTEAGUDO, L.; A. GARCIA & J. LOIS (1981). El hacha de Salto (Rodeiro) y las primeras hachas de tope de dos asas en Europa. *El Museu de Pontevedra*. 35, pp. 117 – 162.
- PRIETO MARTÍNEZ, P., M. TABARÉS DOMÍNGUEZ & S. BAQUEIRO VIDAL (2005). Estudo da cultura material de A Devesa de Abaixo – Os Torradoiros, in F. Criado Boado, E. Cabrejas Domínguez. (coord.), *Obras públicas e patrimonio: estudos arqueolóxicos do corredor do Morrazo. Traballos de Arqueoloxía e Património*, nº 35, pp. 120 – 124.
- PRIETO MARTÍNEZ, M. P., O. LANTES SUÁREZ & A. MARTÍNEZ CORTIZAS (no prelo a). Dos enterramientos de la Edad del Bronce en la Provincia de Ourense, in *Actas do 1º Congreso Transfronteiriço de Arqueología: um Património sem Fronteiras*, Montalegre, Outubro de 2008.
- PRIETO MARTÍNEZ, M. P., O. LANTES SUÁREZ, A. MARTÍNEZ CORTIZAS & MARÍA DOLORES GIL AGRA (no prelo b). Estudio de la cerámica del yacimiento de fosas de Fraga do Zorro, in *Actas do 1º Congreso Transfronteiriço de Arqueología: um Património sem Fronteiras*, Montalegre, Outubro de 2008.
- RODRÍGUEZ GRAS, J. M<sup>a</sup> (1974). Un vaso y un puñal de la Edad del Bronce hallados en Malpica. *El Ideal Gallego*, 9 de xuño, pp. 20 –21.
- THOMAS, J. (1996). *Time, culture and identity*. Londres/ Nova Iorque, Ed. Routledge.
- VAN DYKE, R. M. & S. E. ALCOCK (2003). Archaeologies of memory: an introduction, in R. M. Van Dyke, & S. E. Alcock (eds.) *Archaeologies of Memory*. Oxford, Ed. Blackwell, p. 1 – 13.
- VAZQUEZ VARELA, J. M. (1980). Cistas decoradas en Galicia: una nueva manifestación artística de la Edad del Bronce, *Brigantium*, 1, pp. 41 – 48.
- VÁZQUEZ LIZ, P. (2005). Idade do Bronce: Devesa de Abaixo – Os Torradoiros, in F. Criado Boado, E. Cabrejas Domínguez (coord.), *Obras públicas e patrimonio: estudos arqueolóxicos do corredor do Morrazo. Traballos de Arqueoloxía e Património*, nº 35. pp. 63 – 69.